

Protesto impede eleições na USP

Escolha do reitor foi transferida para hoje, fora do câmpus; é a 1ª vez que isso acontece na história da instituição

Alunos, funcionários e moradores de favelas impediram a realização ontem das eleições para reitor na Universidade de São Paulo (USP). O segundo turno foi remarcado para hoje, às 13h30, no Memorial da América Latina. Segundo o Estado apurou, a decisão de fazer a votação fora da Cidade Universitária foi tomada para facilitar a interferência da Polícia Militar caso haja outra tentativa de impedir o processo eleitoral.

Essa foi a primeira vez na história da instituição que a eleição teve de ser adiada e também que foi transferida para local externo. A reitora Susely Vilela, no entanto, já previa problemas. Há cerca de dez dias, uma equipe da USP esteve no Memorial - cujo conselho curador tem representantes da universidade - para negociar uma possível utilização do local. Susely também mandou um e-mail pedindo que os eleitores chegassem mais cedo ontem à reitoria.

Em junho, a polícia foi chamada para controlar os estudantes que faziam manifestação a favor da greve na instituição. Houve conflito, com bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha. A reitora foi duramente criticada por permitir a ocorrência de violência contra alunos dentro



CERCADA - Alunos, funcionários e moradores de favelas estavam no protesto que fechou a reitoria; motivo da manifestação é o processo eleitoral, considerado pouco democrático

Segundo turno foi remarcado para hoje no Memorial da América Latina

da Cidade Universitária. "A Guarda Universitária fará a segurança do lado de dentro, mas o lado de fora é responsabilidade da Secretaria da Segurança Pública", disse o presidente da comissão eleitoral da USP, Igenório Povoda, sobre o esquema montado para hoje.

O segundo turno começará às 13h30, mas por volta das 12 horas um grupo de cerca de 300 pessoas se posicionou na frente das portas para que os eleitores não entrassem na reitoria, onde seria a votação.

Eles protestavam contra o processo eleitoral, considerado pouco democrático. Pouco mais de 800 eleitores votaram ontem e 119 não conseguiram entrar na reitoria. A USP tem hoje cerca de 5 mil professores, 80 mil alunos e 15 mil funcionários. "São 320 pessoas que querem votar por 100 mil", disse o

Não há plano para nova mudança

Caso a eleição para reitor da Universidade de São Paulo (USP) não ocorra hoje, a Comissão Eleitoral terá de se reunir para propor uma nova data para o segundo turno, procedimento que pode levar dias. A resolução n.º 5.802/2009, que especifica as regras para a eleição, já prevê um atraso de 24 horas e a mudança do local de votação por "razão de caso fortuito ou força maior".

Mas como não há nenhum dispositivo na resolução que possibilite um outro adiamento, serão necessárias novas discussões e a aplicação do artigo 22, que prevê que os "casos omissos serão resolvidos pela reitoria, ouvida o

Comissão Eleitoral". As regras para o segundo turno foram assinadas no dia 9 do mês passado. Já havia ameaças do Sindicato dos Trabalhadores da USP (Sintusp) e do Diretório Central dos Estudantes (DCE-USP) de impedir a eleição. Por isso, a Comissão Eleitoral decidiu incluir o artigo 21, que prevê o adiamento e mudança de local, medida de segurança inédita nas eleições da USP.

"Já presidi duas comissões eleitorais em votações anteriores", conta Walter Coll, pesquisador do Instituto de Química. "Nunca precisamos de algo semelhante." ■

de uma lista tripartite e esse processo tem de ser respeitado. Nem todo mundo gosta de fazer isso", completou. O resultado da eleição será levado ao governador e é ele quem escolhe, entre os três mais votados, o novo reitor da USP.

CONFUSÃO
Em umas das entradas da reitoria, integrantes do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto bloquearam a passagem de professores com gritos de "aquí só entra trabalhador, de terno não". Houve empurra-empurra. O professor Hans Vierler, do Instituto de Química, foi um dos impedidos de entrar. "Onde está a democracia?", questionou. A pré-reitora e cientista Mayana Zatz também foi impedida de entrar e hostilizada. Ana Lúcia Pastore, professora da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, discutiu com estudantes, chamados manifestantes de "idiotas" e fofoqueiros de "hipócrito".

Do lado de dentro da reitoria, rufões lançados pelos manifestantes interrompiam as conversas dos professores. O clima era de impaciência. Os três candidatos com maior votação no primeiro turno - Glaucius Oliva (Diretor do Instituto de Física de São Carlos), José Grandino Rodas (diretor da Faculdade de Direito) e Armando Corbani (pré-reitor de pós-graduação) - conseguiram entrar. Os candidatos Sulyrio Savaya (da Arquitetura) e Sonia Penn (da Educação) foram impedidos de entrar pelos manifestantes.

"O que aconteceu um retrocesso da USP atual", afirmou Rodas, logo depois que a reitoria anunciou o adiamento da eleição. "Quem garante que em 24 horas todos serão avisados?" Para Oliva, eleitores que vieram dos câmpus do interior poderiam não ficar para a votação de hoje. Como sua base de apoio vem justamente desses municípios, o candidato ajudou pessoalmente a encontrar hotéis na ci-

dade para que as pessoas pudessem passar a noite. Docentes da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), em Piracicaba, voltaram para o interior, mas disseram que retornariam. Corbani atribuiu a manifestação a um grupo pequeno, mas com grande capacidade de intimidação. O diretor da Faculdade de Medicina, Marcos Boulos, acha que o processo eleitoral atual é retrógrado e aconselha as manifestações legítimas. "Mas poderia ser feito de um modo mais produtivo."

A movimentação começou às 6 horas, quando houve uma assembleia do sindicato. A decisão de impedir a entrada dos eleitores já havia sido tomada há dias. Ontem, os manifestantes resolveram também que tentariam novamente hoje impedir a eleição. Para tanto desmoldaram as manifestantes, a reitora Susely só divulgou o novo local no início da noite. ■

CAFARNA, ALEX ANDRE GONCALVES, MARINA MANDELLI E SIMONE WASSO

Adiamento é vergonha para universidade, dizem professores

Para docentes, episódio mostra dificuldades em lidar com conflitos

O cancelamento da eleição e a transferência do processo para fora do câmpus demonstram a incapacidade da reitora Susely Vilela em lidar com os conflitos que se cercaram à instituição, criando uma situação embaraçosa para a universidade, avaliam professores da USP ouvidos pelo Estado.

"É uma vergonha", afirma o professor do Instituto de Matemática e Estatística Sérgio Oliveira. "É vergonhoso que poucas pessoas que não fazem parte da comunidade façam uma universidade se subjugar assim."

Cleide Barros Gomes, professor titular do Instituto de Geociências, também destaca o fato de pessoas sem vínculo com a universidade terem impedido a eleição. "A situação foi criada por pessoas totalmente desvinculadas da universidade, recrutadas pelo sindicato para ficarem na porta da reitoria", afirma.

Para ele, medidas mais efetivas deveriam ter sido adotadas pela reitora. "É mais um episódio de uma história que está se repetindo nesta última gestão e demonstra que as coisas não foram equacionadas", analisa.

CRISES NA USP

2000: O movimento de professores, funcionários e alunos da USP durou 52 dias. A reitoria foi interditada pelos grevistas e o reitor Jacques Marovitch dormiu no sofá porque foi impedido de deixar o prédio. Em maio, cerca de 200 estudantes moradores do Crusp invadiram e saquearam o restaurante da USP durante a madrugada. Eles arrombaram os caixeiros, levaram alimentos estocados e beberam oito garrafinhas de vinho. O restaurante estava fechado por causa de uma greve de funcionários.

2001: Protesto de cerca de 200 estudantes impediu a votação da regulamentação das fundações. Eles formaram um cordão humano na entrada da reitoria. A porta só foi aberta quando o reitor Jacques Marovitch informou que retiraria o tema da votação.

2002: Alunos do curso de Letras se recusaram a frequentar aulas e reclamaram da falta de professores e de estrutura da unidade. Funcionários aderiram à paralisação. A greve durou 104 dias.

2004: Professores e funcionários pararam por 63 dias por reajuste salarial. Unesp e Unicamp também aderiram. A reitoria da Unesp, na capital, foi invadida e houve confronto com a polícia.

2005: Sindicato dos professores entrou na Justiça para tentar barrar eleição para reitor. A universidade ganhou prazo de 72 horas para dar explicações e conseguiu realizar o processo sob protestos.

2005: Movimentos pediam a revogação do veto do então governador Geraldo Alckmin ao aumento de verbas para educação no Esta-

do. Grevistas invadiram a Assembleia Legislativa.

2007: Estudantes e funcionários invadiram a reitoria, onde permaneceram por 50 dias. O principal motivo do protesto foi um conjunto de decretos do governador José Serra. Na saída da reitoria, estudantes jogaram água na imprensa com mangueira dos bombeiros.

2009: No dia 5 de maio, funcionários decretaram greve. Alunos invadiram a reitoria 20 dias depois - ficaram no local por 4 horas. Dois dias depois, funcionários bloquearam a entrada da reitoria e de outros sete prédios. Em 2º de junho, policiais entraram no câmpus e liberaram a entrada. No dia seguinte, funcionários retomaram o bloqueio e a polícia retornou. Estudantes entraram em confronto com policiais.



FESTA - Protesto na reitoria teve churrasco e refrigerante

Na manifestação, crianca e sem-teto

Cerca de 70 moradores de favelas no Jaguaré, na zona oeste, e Novo Osasco, da Grande São Paulo, participaram dos protestos que bloquearam a entrada da reitoria e impediram o segundo turno para eleger o novo reitor da USP. Eles fizeram parte do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST) e vieram em um ônibus custeado pelo próprio movimento e por arrecadações dos funcionários e alunos.

Em meio aos manifestantes e à venda de churrasco e refrigerante, algumas crianças brincavam e até cantavam. Um garoto, indiferente ao protesto, fazia a lição de casa, encostado à

parede lateral da reitoria. "É difícil nessa agitação nessa luta, porque os funcionários não têm vez nem voz na USP", afirmou João Albuquerque, coordenador do MTST. "São os excluídos apoiando os excluídos", completou.

A auxiliar de limpeza Roseli Sales, de 40 anos, afirmou que o grupo compareceu para apoiar o ex-funcionário da USP Claudionor Brandão. Ele foi demitido em 2008, mas continua ligado ao Sintusp. "Vimos dar apoio porque ele sempre ajuda a gente", explica. "É também porque somos contra essa eleição, que não é democrática", afirma sua colega Ana Maria de Jesus, de 20 anos. ■

lamentável que a universidade não tenha condições de fazer frente a este tipo de coisa", afirma a pesquisadora.

USO DA FORÇA
Para José Álvaro Moisés, dire-

tor do Nupp, a falta de diálogo está no cerne dos problemas. "Há uma politização e ideologização equivocadas e a falta de debate faz com que se enverede pelo uso da força", avalia Moisés. ■